



A Santa Sé

VISITA PASTORAL A BÉRGAMO (ITÁLIA)

26 DE ABRIL DE 1981

SANTA MISSA EM BÉRGAMO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 26 de Abril de 1981

1. "Jesus veio colocar-se no meio deles e disse-lhes: A paz esteja convosco!" (*Jo* 20, 19).

A experiência que viveram os Apóstolos "na tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana" (*ibid.*), experiência que se repetiu oito dias mais tarde no mesmo cenáculo, também nós a revivemos, de modo misterioso mas real, esta tarde: na nossa assembleia litúrgica, reunida à volta do altar para a celebração da Eucaristia, *Cristo renova a Sua presença de ressuscitado e repete os Seus votos: A paz esteja convosco!*

Com estes mesmos votos me dirijo também eu a vós, caríssimos Irmãos e Irmãs da antiga e gloriosa Igreja de Bérgamo. Dirijo-me primeiramente a Si, venerado Irmão Dom Giulio Oggioni, que, sucedendo ao caro Dom Clemente Gaddi, lhe continua o trabalho como zeloso pastor, guiando esta escolhida porção do rebanho de Cristo. A minha saudação e os meus votos de alegria e paz pascal vão, em seguida, para todos os Bispos aqui presentes e para todos os fiéis da Lombardia inteira, com um especial pensamento para a Arquidiocese de Milão, a que me ligam, além do mais, o afecto e a devoção a São Carlos, e a que me levará, se Deus quiser, o próximo Congresso Eucarístico Nacional, que lá se está preparando para 1983; e com especial recordação para Bréscia, diocese de origem do Papa Paulo VI, que prosseguiu a obra empreendida por João XXIII; tenciono honrar também com uma visita a terra natal de Paulo VI no próximo ano.

Dirijo uma deferente saudação para todas as Autoridades civis, e renovo, além disso, a minha

saudação augurai aos Sacerdotes e aos Religiosos, com quem tive já ocasião de me encontrar; torno-a extensiva aos componentes das diversas Associações de leigos que trabalham na diocese de Bérghamo e, entre esses sobretudo aos jovens: como o seu Bispo, também o Papa confia em cada leigo cristão, desejando que a inteira Comunidade adquira cada vez mais viva consciência das responsabilidades ligadas com o baptismo e saiba oferecer testemunho coerente e corajoso em todo o momento da própria vida.

2. A paz esteja convosco!

Saudando-vos assim, venho ter convosco, caros Irmãos e Irmãs, no domingo, que tradicionalmente chamamos "in albis" e põe fim à oitava da Páscoa. Venho para entrar, em certo sentido, no cenáculo. O cenáculo é a casa em que nasceu a Igreja. Vim portanto visitar, primeiro que tudo, uma casa. *É a casa familiar, de que saiu um grande Papa e servo de Deus, João XXIII.* Neste ano cai o centenário do seu nascimento em Sotto il Monte. Por este motivo, aceitei com alegria o convite da Igreja de Bérghamo para visitar este ano o lugar de nascimento de Angelo José Roncalli, e a terra a que ele esteve ligado por motivo da sua proveniência: a vossa terra de Bérghamo.

Já esta manhã, em [Sotto il Monte, manifestei gratidão a Deus](#) por motivo deste homem, que no baptismo recebeu o nome de Angelo José e, depois da eleição para a Sé Romana de São Pedro, tomou o de João. Assim pois, o conhecem a Igreja e o mundo, como o homem "*cujo nome era João*". Com este nome foi conhecido e amado. Com este nome é recordado e invocado: o Papa João.

Homem de maravilhosa simplicidade e humildade evangélica que, no decurso de pouco menos de cinco anos do seu ministério pastoral na Cátedra de Pedro, deu início quase a uma nova época da Igreja. Ancião quase octogenário, ele manifestou a juventude sem ocaso da Esposa de Cristo. Homem enamorado da tradição, deu início a uma nova vida na Igreja e na cristandade. Fez tudo isto em plena consonância com tudo o que ele mesmo foi, e, ao mesmo tempo, como se nada viesse dele. *Como se fosse guiado por uma luz mais alta* e levado por uma confiança incondicionada e filial n'Aquele que o "cingiu e guiou" (cf. *Jo 21, 18*). Acaso para onde ele mesmo não queria? Não. Certamente não. Tudo isto decorreu na mais profunda harmonia entre a vontade d'Aquele que o guiou e daquele que se deixou guiar, e que, por sua vez, guiou a Igreja.

E a Igreja sabia e sentia que esta era a figura de Pedro; que aquele que, como sucessor de Pedro, trazia o nome de João, era verdadeiramente o Pedro dos nossos tempos, que o Senhor mesmo conduz. *Aquele que o Espírito Santo guia.* E a Igreja teve confiança no Papa João naquele que, por sua vez, tão ilimitadamente teve confiança.

Quando, depois de um breve pontificado, *estava para deixar este mundo*, todos os choravam e saudavam com lágrimas; mas sabiam que nisto estava a Mão do Senhor; que, se ele se

ausentava, era porque tinha desempenhado a sua missão e a sua "parte" na obra de Cristo durante o século XX. *Ausentava-se* portanto o *Papa João* humildemente como humildemente subira à Cátedra de Pedro. Ausentava-se, embora o Concílio estivesse apenas iniciado, embora os trabalhos para a reforma do direito canónico (também por ele ideada) se estejam ainda agora realizando. Todavia — visitando, no centenário do seu nascimento, a casa de que saiu e a terra que lhe deu origem — devemos reconhecer que o Papa que saiu daqui, deste ninho, se parecia de modo particular àquele *dono de casa* de que fala o Evangelho que, do tesouro do Reino de Deus, extrai "coisas novas e coisas antigas" (Mt 13, 52). E viemos precisamente para agradecer ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, no centenário do seu nascimento. Quão necessários, quão indispensáveis são na história da Igreja tais "donos de casa", que — guiados pelo Espírito de Verdade — sabem manifestar de novo todos os tesouros do Reino de Deus: "coisas antigas e coisas novas".

3. Assim pois, do limiar da casa rural em Sotto il Monte, das colinas desta vossa terra de Bérgamo, da pia baptismal e dos altares da Igreja que nela cumpre a sua missão — vê-se o *cenáculo jerosolimitano como o lugar do encontro de Cristo Ressuscitado com a Igreja dos tempos que vieram e dos que estão para vir*.

O cenáculo de Jerusalém é o primeiro lugar da Igreja na terra. E é, em certo sentido, o protótipo da Igreja em todo o lugar e em toda a época. Também na nossa. Cristo, que foi ter com os Apóstolos na primeira tarde depois da Ressurreição, vem sempre de novo a nós para repetir continuamente as palavras: "A paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu, vos envio a vós... Recebei o Espírito Santo; aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos..?" (Jo 20, 21-23).

A verdade contida exactamente nestas palavras não se tornou acaso a ideia-guia do Concílio Vaticano II? do Concílio que dedicou os seus trabalhos ao mistério da Igreja e à missão do Povo de Deus, recebida de Cristo mediante os Apóstolos? Missão dos Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos?... "Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós" (Jo 20, 21).

Deste Concílio — cuja obra João XXIII iniciou, guiado (como ele mesmo confessava) pela, clara inspiração do Espírito Santo — a Igreja saiu com fé renovada no poder das palavras de Cristo, dirigidas aos Apóstolos no cenáculo. Saiu com nova certeza acerca da própria missão: a missão recebida do Senhor e Salvador. *Saiu para o futuro*. Do limiar da casa em Sotto il Monte, das colinas da vossa terra de Bérgamo, vê-se a Igreja como cenáculo de todos os povos e continentes, aberta para o futuro.

É difícil submeter aqui a uma análise profunda a perspectiva desta abertura. Mas é também difícil não mencionar pelo menos o que, de modo particular, saiu do íntimo do Papa João. É o novo *impulso para a unidade dos cristãos* e uma particular compreensão da *missão da Igreja perante o mundo contemporâneo*. Estes temas viram um essencial aprofundamento no banco do Concílio.

Embora neste espaçoso cenáculo da Igreja dos nossos tempos, difundida por todo o globo terrestre, não faltem, as dificuldades, as tensões e as crises, que originam justificados temores, seria difícil não reconhecer que devido ao Papa saído da vossa terra, de Bérghamo, de Sotto il Monte — nasceu uma *obra providencial*. É necessário somente que mantenhamos fidelidade ao Espírito de Verdade, orientador desta obra, que sejamos honestos em compreender e aplicar o Concílio, e ele mostrará ser mesmo esse caminho que a Igreja dos nossos tempos e dos futuros deve seguir para o cumprimento dos seus destinos.

Aceitemos portanto estas palavras da liturgia de hoje, tiradas da primeira carta de São Pedro: "Isto vos enche de alegria, embora talvez vos seja preciso, por pouco tempo ainda, passar por diversas provações. E assim, pela prova a que é sujeita a vossa fé, haveis de encontrar louvor, glória e honra, na altura da Revelação de Jesus Cristo, pois a fé tem muito mais valor que o ouro que desaparece, embora seja experimentado pelo fogo" (1 Ped 1, 6-7).

Acolhamos estas palavras — e *acolhamos a prova da nossa fé* — pedindo ao Senhor Ressuscitado que sejamos capazes dela, assim como o foi o Papa João.

4. Do limiar da casa rústica em Sotto il Monte, das colinas da vossa terra de Bérghamo, por obra daquele seu filho que foi o Papa João — Angelo José Roncalli — vêem-se *as grandes perspectivas da Igreja e do mundo*. As perspectivas da família humana, que vive na paz construída sobre a verdade, a liberdade, a justiça e o amor, graças à mensagem que saiu do cenáculo jerosolimitano. Vê-se depois aquele grande cenáculo da Igreja dos nossos tempos, propagada no meio das gentes e dos continentes, no meio das nações e dos povos... *a dimensão universal da Igreja*.

Mas vê-se também a dimensão mais pequena da Igreja: a de "*Igreja doméstica*". O Papa João manteve-se fiel a esta Igreja até ao fim da vida, e constantemente voltava a ela, primeiro no sentido literal da palavra — como sacerdote, bispo e cardeal patriarca de Veneza —, depois como Papa, agora só com a recordação, o pensamento e o coração, e mediante as visitas dos seus que lhe eram caros.

Esta manhã, celebrando a [liturgia eucarística em Sotto il Monte](#), recordámos muitas palavras suas sobre este assunto. Evocámos *aquele clima* da sua família, que foi verdadeira "Igreja doméstica". Família que viveu de oração e de trabalho, de Eucaristia e de amor recíproco, de sacrifício unido a espírito de simplicidade e de pobreza. Esta casa de família em Sotto il Monte não foi porventura também um pequeno cenáculo, em que Cristo Ressuscitado vinha dizer, detendo-se perante as pessoas de família, "A paz esteja convosco"? De facto, lá precisamente, naquele ambiente, Angelo José ouviu pela primeira vez as palavras: "Assim como o Pai Me enviou, *também Eu te envio a ti*. Recebe o Espírito Santo!" (cf. Jo 20, 21-22). As vocações sacerdotais nascem mais facilmente num clima assim.

Quantas vezes também lá, naquela casa, ouviu Cristo aquela gente simples, que vivia do trabalho dos campos, a mesma profissão que, uma vez, ouvira no cenáculo de Jerusalém da boca de Tomé: "Meu Senhor e meu Deus" (*Jo 20, 28*). O conhecimento da presença do Salvador e a lei divina escrita nos corações da família constituíram a fonte da felicidade habitual daquela nobre gente, segundo as melhores tradições do ambiente e da sociedade à qual eles pertenciam.

5. Caros Irmãos e Irmãs. Na memória do Papa João *juntamos hoje estas duas dimensões da Igreja*: a grande, universal, em que durante os últimos anos da sua vida Angelo José Roncalli foi chamado a suceder a São Pedro na Sé romana; e a pequena, "doméstica". A "Igreja doméstica", a família cristã, constitui especial fundamento da grande. Constitui também o fundamento da vida das nações e dos povos, segundo o testemunhou o recente Sínodo dos Bispos e como, constantemente, o testemunha a experiência não corrompida pelos maus costumes de tantas sociedades e tantas famílias.

Precisamente esta "Igreja doméstica" pertence à herança do Papa João. É a *parte integral da mensagem* que toda a sua vida forma, da mensagem da verdade e do amor dirigido a toda a Igreja e a todo o mundo, mas de maneira particular dirigida à Itália: a esta Terra.

Esta mensagem é necessário lê-la à luz das palavras da primeira Carta de São Pedro: "Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que na Sua grande misericórdia nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se, e imarcescível, reservada, nos céus para vós..." (1, 3-4).

Mas é preciso ler ao mesmo tempo esta mensagem, a mensagem particular do Papa João, no contexto das ameaças, ameaças reais, que atingem o património humano e cristão da família, destruindo os princípios fundamentais sobre que está construída, desde os fundamentos, a mais esplêndida comunidade humana. Estes princípios dizem respeito, ao mesmo tempo, aos valores essenciais de que não pode prescindir nenhum programa, não só o cristão, mas também o simplesmente humano.

O primeiro destes valores é o *amor fiel* dos cônjuges mesmos, como fonte da sua confiança recíproca e também da confiança dos filhos para com eles. Sobre tal confiança, como sobre rocha, baseia-se toda a subtil construção interior da família, a inteira "arquitetura das almas", que irradia com matura humanidade sobre gerações novas.

O segundo valor fundamental é o *respeito da vida* desde o momento da sua concepção sob o coração da mãe.

6. Quanto a isto, é oportuno que a figura do Papa João do "Papa bom", de Angelo José Roncalli, filho desta Terra de Bérghamo, se erga diante de toda a Igreja e em particular diante desta Nação,

em que viu a luz;

— se erga, com toda a verdade da sua, mensagem evangélica, que é ao mesmo tempo mensagem muito humana; ele, tão cheio de solicitude pelo verdadeiro bem da sua Pátria pelo verdadeiro bem de cada Nação e de cada homem,

— se erga diante de nós e esteja presente no meio de nós.

Permiti portanto que diante dele — diante da sua figura — eu repita as palavras que pronunciei no quinto domingo da Quaresma:

"De facto, existe na nossa época uma crescente *ameaça ao valor da vida*. Esta ameaça, que se evidencia, particularmente na sociedade do progresso técnico, da civilização materialista e do bem-estar, apresenta um ponto de interrogação à *mesma autenticidade humana* daquele *progresso...*

Destruir a vida humana significa sempre que o homem perdeu a confiança no valor da sua existência; que destruiu em si, no seu conhecimento, na sua consciência e vontade, aquele *primeiro e fundamental valor*.

Deus diz: "Não matarás" (Êx 20, 13). E este mandamento é simultaneamente o princípio fundamental e a norma do código da moralidade, inscrito na consciência de cada homem.

Se concedemos direito de cidadania ao assassínio do homem, quando está ainda no seio da mãe, então encaminhamo-nos por isso mesmo para o declive de incalculáveis consequências de natureza moral. Se é lícito tirar a vida a um ser humano, quando ele é mais débil, totalmente dependente da mãe, dos pais e do âmbito das consciências humanas, então destruímos *não só um homem inocente, mas também as consciências mesmas*. E não se sabe quão larga e rapidamente se propaga o raio daquela destruição das consciências, nas quais se fundamenta, antes de tudo, o sentido mais humano da, cultura e do progresso do homem...

Se aceitássemos o direito de tirar o dom da vida ao homem ainda não nascido, conseguiríamos depois defender o direito do homem à vida em todas as suas situações? Conseguiríamos deter o processo de destruição das consciências humanas?" (cf. *Angelus*, 5 de abril de 1981, *L'Oss Rom.*, ed. port., 12.4.1981, p. 1).

Papa João! Pronunciei estas palavras no domingo, 5 de Abril, e hoje repito-as aqui, na tua terra natal. Foram *ditadas pelo amor* para com o homem, por aquele amor que tem a sua fonte na caridade com que abraça o homem Aquele que o criou e Aquele que o remiu: Cristo crucificado e ressuscitado. Foram ditadas pelo sentido da particular *dignidade* que tem cada homem desde o instante da concepção até à morte.

Papa João! Estas palavras foram ditadas *pelo amor e pelo respeito* para com esta Nação da qual tu foste filho, assim como eu sou filho da minha Nação. E como filho da minha Pátria, a Polónia, desejo trocar o amor que tu tiveste por ela, servindo eu a Itália, assim como, por causa da missão que herdei de ti na sé de São Pedro, desejo servir todas as sociedades, todas as nações e todos os homens. Como o homem é "o caminho da Igreja" (cf. Enc. *Redemptor hominis*, 14), assim como Cristo é para cada homem na Igreja, "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6).

Caros Irmãos e Irmãs. Pela memória do Papa João é preciso que façamos tudo o que pode servir para tutelar a família e a dignidade da paternidade e da maternidade responsável, a confiança recíproca das gerações que façamos todo o possível para tutelar a, nossa "Igreja doméstica" — esta no meio da qual se revela Cristo Ressuscitado, assim como entre os apóstolos no Cenáculo, — esta, aonde Ele entra... — e diz: "A paz esteja convosco!" Amém.